

Mário Henrique Simonsen e a construção do conceito de inflação inercial

ANDREA FELIPPE CABELLO*

Mário Henrique Simonsen and the construction of the concept of inertial inflation. The paper analyzes the contributions of Mário Henrique Simonsen to the construction of the concept of inertial inflation and to its connected literature. Simonsen's curve, in which the idea of inertial inflation was implicit, is analyzed, alongside with the feedback model (modelo de realimentação) and it's shown how Simonsen built a model which considered inflationary inertia, neutralization possibilities and possible problems and costs of stabilization, anticipating many of the issued that guided the debate in the 1980s.

Keywords: Mário Henrique Simonsen; inertial inflation; feedback model; Simonsen's curve.

JEL Classification: B31.

A história do conceito de inflação inercial foi revisitada recentemente. As contribuições de Serrano (2010) e Bresser-Pereira (2010) buscam uma reconstrução dessa cronologia, iniciada, aos olhos dos autores, em 1980, quando esse conceito teria se estabelecido na literatura e passado a dominar o debate em política econômica no Brasil. No entanto, esses artigos dão pouca importância a um dos autores que muito colaborou com os conceitos e definições do tema — Mário Henrique Simonsen.

Nesse sentido, a importância deste trabalho é a de analisar essas colaborações para a construção do conceito de inflação inercial e para a literatura conexa. Ramalho (2003) fez um esforço inicial nesse sentido, mas a análise do presente trabalho complementa a realizada por esse autor, uma vez o foco daquele fora o modelo de realimentação e, em verdade, as contribuições de Simonsen para o debate antecederam esse modelo com sua discussão da curva de salários, conforme observou Barbosa (2004). Além disso, nenhum trabalho realmente se propôs a analisar tais contribuições de maneira profunda, o que é o propósito deste artigo.

* Professora Adjunta do Departamento de Economia da Universidade de Brasília. E-mail: andreafe@gmail.com. Submetido: 18/outubro/2012; Aprovado: 23/julho/2013.

O trabalho se divide em quatro seções além desta introdução. A primeira seção justifica o artigo e contextualiza as contribuições de Simonsen perante o debate, a segunda discute a inflação inercial na curva de salários, a terceira, no modelo de realimentação, enquanto a quarta seção traz os comentários finais.

A DISCUSSÃO DO CONCEITO DE INFLAÇÃO INERCIAL

Simonsen, ainda nas décadas de 1960 e 1960, estabeleceu as bases sobre as quais a formulação do conceito de inflação inercial se daria, ou seja, a curva de salários reais e o modelo de realimentação. Em materiais elaborados entre os anos de 1964 e 1976, ele propôs um modelo que considerava a inércia, mesmo que não explicasse sua origem¹, e uma discussão de como neutralizá-la sem negligenciar os problemas que podem surgir durante tentativas de estabilização, antecipando muitos dos cuidados que deveriam ter sido adotados nos planos de estabilização das décadas de 1980 e 1990 e que teriam contribuído para seu fracasso². Além disso, toda essa discussão de inércia é feita em relação a custos de estabilização, que é o grande problema do combate à inflação no início da década dos anos 1980 — em que se convive com altas taxas de inflação e recessão. Isso não significa que ele esgotara a questão, mas, ao se fazer uma releitura daquele material, percebe-se que os alicerces da discussão já estavam presentes.

Metodologicamente, há uma diferença considerável na maneira em como Simonsen lida com a inflação inercial na década de 1960 e 1970 e como principalmente os economistas na PUC-Rio³ fizeram isso na década de 1980. No entanto, algumas ideias são comuns, oriundas de uma mesma fonte.

A INFLAÇÃO INERCIAL NA CURVA DE SIMONSEN

Barbosa (2004) atenta para o fato de que o comportamento inercial da inflação está implícito na curva de salário exposta em Simonsen (1964), anterior ao modelo de realimentação⁴. Em verdade, esse trabalho já introduz alguns dos termos que marcariam o debate da década de 1980 sobre inflação, pois, ao caracterizar as raízes do processo inflacionário brasileiro, fala-se em conflito distributivo e em estratégias demagógicas não penalizadas pela população, devido à dificuldade de se vincular déficits orçamentários à inflação — isso em 1964. Assim, o histórico inflacionário brasileiro é creditado a uma tendência crônica ao déficit orçamentário.

Por meio de seu artigo, em 1964, Simonsen chega à curva que recebeu seu

¹ O modelo de realimentação é apresentado no capítulo VI de Simonsen (1970).

² Por exemplo, a discussão de controles de preço no mesmo capítulo, que já pode ser considerada uma antecipação para o choque heterodoxo proposto na década de 1980.

³ Muitos deles ex-alunos e com grande contato com Simonsen, como André Lara Resende, Pêrsio Arida e Chico Lopes, por exemplo.

⁴ Ramalho (2003) relaciona a contribuição de Simonsen no tocante à inflação inercial somente ao modelo de realimentação.

nome, inicialmente, de modo empírico, com base no salário mínimo real no Estado da Guanabara no período de janeiro de 1952 a março de 1964 (Simonsen, 1964, p. 18) e observa que,

do ponto de vista agregativo, as oscilações da renda real dos diferentes grupos de indivíduos virtualmente se compensam; quando alguns grupos estão em seus picos de renda real, outros se encontram nos vales, outros a meio caminho, pois as datas de reajuste são diferentes para cada um deles. A superposição desses ciclos defasados produz um movimento livre de oscilações, pelo mesmo princípio de transformação de corrente alternada em corrente contínua. Agregativamente, tudo se passa como se permanecessem na confortável estabilidade dos níveis médios. As oscilações das rendas reais dos indivíduos, no entanto, deixam um importante subproduto psicológico. Os picos prévios de poder aquisitivo, ainda que fugazes, passam a representar um padrão de referência reivindicatória do qual poucos indivíduos se mostram dispostos a abrir mão. [...] [no entanto], estabilizar todos os indivíduos pelos picos só seria possível se o produto real da economia se elevasse consideravelmente, e esse aumento necessário seria provavelmente muito inferior às possibilidades de crescimento a curto prazo. (Simonsen, 1964, pp. 17-19)

Essa referência reivindicatória apresentada aqui e que, mais tarde, a literatura trataria como um padrão de indexação informal, abre espaço para uma componente inercial na inflação⁵.

A partir do receio desse comportamento crônico é que Simonsen (1964) propõe o arcabouço teórico da política salarial do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), cujo objetivo era substituir os picos dos salários reais pelas suas médias como referências reivindicatórias, de modo a manter o salário real médio constante.

Deve-se ter cautela, no entanto, em atribuir pioneirismo a essa análise de Simonsen. Em relato mencionado em Barbosa (1997, p. 118), o próprio teria mencionado “ter visto algo semelhante num relatório de uma comissão estrangeira que tinha feito uma análise da inflação chilena na década dos 50”. De qualquer forma, Vera (2008) chama a atenção para um trabalho de Kaldor escrito em decorrência de uma série de palestras que ele ministrou na Fundação Getúlio Vargas (FGV), em outubro de 1956, e publicado na *Revista Brasileira de Economia (RBE)* em 1957.

Nesse trabalho, Kaldor (1957) não só esboça graficamente a relação entre salários reais e inflação, que ficou conhecida como curva de Simonsen (Kaldor, 1957, p. 68), como também a descreve em detalhes. Tal relação seria causada pelo fato de aumentos de preços serem contínuos, enquanto aumentos de salários nominais são descontínuos. Segundo Kaldor (1957, p. 67),

os salários reais flutuam em torno de uma média definida pelos níveis de salários imediatamente anterior e imediatamente posterior a de-

⁵ E que o próprio Simonsen (1983) mais tarde mostrou que, caso a indexação seja feita com base na inflação passada, mesmo sob expectativas racionais, a inflação pode se perpetuar.

terminado reajustamento. A característica de uma espiral salário/preço é a compressão crescente do zigue-zague. Isto significa, evidentemente, uma aceleração contínua na taxa de aumento do nível geral de preços.

Apesar de tal trabalho ter sido publicado na própria *RBE* não foi por causa de Kaldor que essa ideia se disseminou no Brasil, uma vez que raramente ela é associada a ele, e nisso a contribuição de Simonsen é notável.

A INFLAÇÃO INERCIAL NO MODELO DE REALIMENTAÇÃO EM SIMONSEN (1970)

Em 1970, no capítulo VI de *Inflação: Gradualismo X Tratamento de Choque* é descrito o modelo de realimentação, que iniciará uma tradição de estudos na área que culminará com as teorias de inflação inercial debatidas nas décadas de 1980 e 1990. Nesse modelo a taxa de inflação é decomposta em três componentes: i) Componente autônoma (a_t): a parcela da inflação independente da inflação do período anterior, determinada por fatores exógenos ou institucionais; ii) Componente de realimentação (br_{t-1}): a parcela da inflação resultante da inflação do período anterior; iii) Componente de regulação pela demanda (g_t): a parcela provocada pelo excesso de demanda ante a capacidade produtiva e depende das políticas monetária e fiscal⁶. Dessa forma, o modelo pode ser caracterizado pela seguinte equação:

$$r_t = a_t + br_{t-1} + g_t$$

No modelo, r_t é a taxa de inflação do período t . O parâmetro b é chamado de coeficiente de realimentação, indicando o grau de automatismo da inflação, ou seja, o impacto da taxa de inflação do período anterior sobre a taxa de inflação do período atual. Ele supõe que o mesmo esteja em um intervalo entre zero e um $-0 < b < 1$. Em um ambiente de inflação crônica, b se aproximaria de um, sendo que, em processos explosivos, b seria superior a um⁷.

Ao analisar a taxa de inflação em termos de três componentes separadas, Simonsen

⁶ Simonsen (1976) propõe uma correlação entre essa componente e a taxa de crescimento do produto real. Até certo ponto, quanto mais intensa for a componente de regulação de demanda, maior será a taxa de crescimento do produto real. Ele afirma ainda que, considerando o crescimento físico da oferta de fatores de produção e o progresso tecnológico, deve existir uma taxa de crescimento do produto real positiva em que não há pressões inflacionárias de demanda, ou seja, em que a componente de regulação de demanda é nula. Ele chama essa taxa de taxa normal de crescimento do produto real ($\bar{\pi}$). A partir de certo ponto, um aumento na componente de regulação de demanda provoca uma queda na taxa de crescimento do produto real, pois há um limite para a expansão do produto real em determinado período, apesar de não haver um limite para a expansão da taxa de inflação. Além disso, segundo ele, a partir de certo nível, a inflação deve ter efeitos nocivos sobre o produto.

⁷ Para tornar o modelo determinado e um modelo de inflação, Simonsen (1976) introduz uma terceira equação, referente à teoria quantitativa da moeda. Ele reconhece que isso é uma hipótese *ad hoc*, ao afirmar que poderia se introduzir uma quarta variável endógena por meio da taxa de juros e acrescentar uma equação que descrevesse o equilíbrio no mercado real e monetário. Em outras palavras, o modelo de realimentação seria compatível com uma infinidade de teorias monetárias.

buscava explicar os fenômenos das crises de estabilização, ou melhor, como evitá-las. Em outras palavras, ele queria determinar quais seriam as condições para uma baixa gradual da taxa de inflação sem que fosse necessário ativar a componente de regulação da demanda. Nesse caso, supondo um ritmo autônomo exógeno de inflação $a_t = a$, a taxa total de aumento de preços convergiria para o limite $\frac{a}{1-b}$. Qualquer tentativa de comprimir a taxa de inflação além dessa taxa não seria permanente e teria de ser feita à base da componente de regulação de demanda, ou seja, com crise de estabilização. Assim, ele enfatiza que o combate à inflação está condicionado a essa taxa limite, pois, caso ela seja alta, é impossível o combate à inflação sem a redução da inflação autônoma e do coeficiente de realimentação. Quanto maior for o coeficiente de realimentação b , mais demorado é o processo de convergência.

Ele ainda chama a atenção para problemas práticos como a dificuldade de redução do componente autônomo e principalmente do componente de realimentação. Esses problemas seriam mais graves principalmente no caso do ajuste ser lento (esse depende de políticas de reversão de expectativas) ou caso os empresários sintam que sua tentativa de operar com coeficiente maior não é penalizada pelo mercado. Em relação ao parâmetro b , ele atenta para a dificuldade de mantê-lo abaixo de um por muito tempo. Segundo ele, isso só seria possível sob “infindável ilusão monetária”, o que levaria a uma conclusão semelhante à teoria aceleracionista da curva de Phillips, de que não é possível enganar muitos por muito tempo, de modo que a inflação não pode ser vista como o preço do crescimento.

Sobre o controle do componente de realimentação, Simonsen (1970) afirma que isso pode ser feito por meio de indução psicológica, de uma crise de estabilização e de controle de preços. Ele chama a atenção para o fato de que quanto mais longo o período de realimentação, mais difícil será o período de estabilização devido ao efeito repetitivo da inflação (principalmente no caso da realimentação múltipla). No entanto, mais lenta seria a propagação de um impulso inflacionário.

Assim, uma das principais conclusões do modelo é que é possível empreender uma estabilização sem crise, mas o êxito dessa estratégia depende de um coeficiente de realimentação suficientemente pequeno para que a taxa-limite seja satisfatória. Essa conclusão é uma contribuição ao debate sobre controle de inflação da época, pois reduz a importância das críticas de estruturalistas acerca dos custos de estabilização. Além disso, proporciona uma alternativa aos programas de estabilização ortodoxos, por meio do controle do coeficiente de realimentação, algo que os estruturalistas na época não tinham sido bem-sucedidos em fazer (Boianovsky, 2012).

Caso o processo de estabilização sem crise se apresente como muito demorado, Simonsen (1970) afirma que poderia ser utilizada a componente de regulação de demanda para acelerar esse processo, desde que seja aceita uma queda no produto. A menos que se deseje manter a taxa de inflação abaixo da taxa-limite de $\frac{a}{1-b}$, a crise será transitória. A componente regulação da demanda funcionaria, assim, como redutora da componente autônoma e, durante a transição, também redutora da componente realimentação. A intensidade da crise dependeria da velocidade que se deseja dar ao programa, do coeficiente de realimentação e da sensibilidade da taxa de inflação a variações na demanda global.

Algumas comparações com outros modelos foram feitas. Lopes (1979), por exemplo, foi o primeiro a interpretá-lo como um modelo estruturalista, pois era

clara a ideia de um *trade off* entre inflação e desemprego em curto prazo no modelo. O próprio Simonsen também compara seu modelo com a versão aceleracionista da curva de Phillips. Segundo ele,

a tese aceleracionista, embora traga como principal mensagem a inutilidade de se sustentar o emprego pela inflação, tem fecundas consequências teóricas, explicando um fenômeno de há muito conhecido, mas insuficientemente formalizado: o da rigidez, não apenas dos preços, mas da própria taxa de inflação. Suponhamos que as expectativas inflacionárias para o período t sejam iguais à inflação observada no período $t - 1$, isto é, que $r'_t = r_{t-1}$. Se a taxa de desemprego se mantiver em D_0 não mais teremos, como na versão original da curva de Phillips, estabilidade de preços. Teremos, simplesmente, uma inflação constante, de acordo com a equação $r_t = r_{t-1}$. Para baixar a taxa de aumento de preços, será necessário, num período de transição, elevar a percentagem de desemprego, além de D_0 . Esse é o ponto de partida para os modelos de realimentação. (Simonsen, 1979, p. 129)⁸

Assim, o modelo de realimentação assume a existência da inércia inflacionária sem, no entanto, explicar sua origem, algo observado por Barbosa (1997). A inércia é vista como mecanismo de propagação, e as causas da inflação são de demanda ou de custos. Simonsen, no entanto, não teria descrito, principalmente considerando hipóteses como a de expectativas racionais, por que surge a inércia. Ele próprio descreve a necessidade de uma nova explicação, que justificasse a inércia mesmo sob racionalidade. Sobre isso, afirmou que

No final dos anos 1960 e começo dos anos 1970, a inércia inflacionária era explicada combinando a hipótese da taxa natural de desemprego com a fórmula de expectativas adaptativas de Cagan. Apesar de empiricamente convincente, a explicação foi deixada de lado pela revolução de expectativas racionais que consideravam expectativas inflacionárias *backward-looking* como uma premissa “*ad hoc*”. A cura indolor para a inflação se apresentava como uma forte possibilidade, desde que uma regra monetária crível fosse anunciada e algum grau de gradualismo fosse aceito para acomodar a inércia temporária causada por preços e salários rígidos. (Simonsen, 1988, p. 207)

A partir dessa crítica por parte de modelos de expectativas racionais, a inércia inflacionária só poderia surgir por dois canais: taxas esperadas de expansão monetária autorregressivas; e contratos baseados em expectativas inflacionárias passadas. De qualquer forma, a primeira fonte poderia ser eliminada com uma regra monetária crível e controle monetário por um banco central respeitável e independente. Já a segunda só poderia ser responsável por inércia temporária.

⁸ Barbosa (1983) também realiza comparações com estruturalistas e com o modelo de Friedman.

Assim, para justificar a existência de inércia inflacionária, Simonsen (1988) utiliza um argumento baseado em teoria dos jogos. Situações de estabilização são vistas como jogos não cooperativos, uma vez que, na hora de determinar preços, cada jogador age sem saber qual será a estratégia adotada pelos demais. Nesse ambiente de informação incompleta, ele conclui que, caso os jogadores escolham uma estratégia do tipo *maximin*, ou seja, de maximizar o *payoff* obtido no pior estado de natureza, a inércia permanecerá, dado que o comportamento defensivo implicará a não interrupção das remarcações de preços. Assim, mesmo com indivíduos racionais, é possível que a inflação passada continue afetando o nível de preços atual, pois os jogadores estão incertos de como os demais jogadores irão responder ao programa de estabilização⁹.

O modelo de realimentação pode ser considerado um marco teórico nos estudos de inflação no Brasil, mas sua contextualização deve ser feita com mais detalhes. Apesar de ele ter determinado os termos do debate acerca de inércia inflacionária durante as décadas de 1970 e 1980, principalmente, a inércia não é uma contribuição original de Simonsen. Em análises de Furtado sobre a economia brasileira da década de 1950 (Boianovsky, 2012) e na análise de Sunkel (1958) sobre a inflação chilena, já estava presente um conceito rudimentar do que viria a ser chamado na década de 1980 de inflação inercial. No entanto, foi somente a partir do modelo de Simonsen que a ideia se disseminou na academia brasileira, talvez até por sua importância dentro da FGV-RJ, por onde passaram alguns dos formuladores dessas ideias.

De qualquer forma, o modelo de realimentação traz outras conclusões dignas de menção. Ele se destaca na discussão sobre crises de estabilização, sobre o gradualismo como estratégia de combate à inflação e sobre as causas da inflação e quais as maneiras mais adequadas em como combatê-la.

O debate em relação às crises de estabilização esteve muito presente na academia brasileira nas décadas de 1950 e 1960. Simonsen teve um papel relevante nesse debate ao propor nova interpretação aos déficits públicos, mas o modelo de realimentação também contribuiu para tornar parte daquela discussão desnecessária ao discutir a possibilidade de combate de inflação sem crises. Ambos os lados do debate reconheciam que a inflação trazia efeitos nocivos à economia, no entanto, eles se diferenciavam, entre outras coisas, pela disposição a enfrentar uma crise de estabilização para conter essa inflação¹⁰.

Caso a taxa de convergência do modelo não seja satisfatória, ela poderia ser reduzida por meio das componentes autônoma (que representaria as ideias estruturalistas sobre as causas da inflação) e a componente de realimentação. Simonsen afirma que esse processo não necessariamente é simples, mas ele faz algo que os estruturalistas falharam em fazer: ele discutiu políticas alternativas ao receituário monetarista usual para combater a inflação e que não necessariamente levavam a crises de estabilização, como uma ideia ainda embrionária de reversão de expecta-

⁹ Simonsen (1986) ainda argumenta que os modelos de expectativas racionais geralmente veem esse como sendo um jogo de dois jogadores, quando, na verdade, seria um jogo de n jogadores.

¹⁰ Pode-se considerar o modelo de Simonsen como uma primeira formalização das ideias estruturalistas. O próprio Simonsen (1980, p. 21) afirmou que “o modelo nem era estruturalista nem deixava de ser”.

tivas e políticas de rendas (que serão discutidas adiante). Além disso, ele não coloca os dois lados do debate como antagônicos e sim propõe, por meio do modelo, um curso de ação que combina ambas as abordagens.

Em relação ao gradualismo, essa era uma estratégia já bem difundida entre formuladores de política. Sua contribuição veio no sentido de formalizar o que seria o gradualismo e modelar seus efeitos. Isso foi feito com o modelo de realimentação. O objetivo desse tipo de estratégia é evitar um choque recessivo que geralmente acompanha processos de estabilização, ou “sem apelar para o efeito deflacionário de regulação de demanda” (Simonsen, 1973, p. 18). Ele, no entanto, chama a atenção para o fato de que, para o gradualismo ser bem-sucedido, é necessário um componente autônomo deflacionário ($a_t < 0$) ou um baixo componente de realimentação (b). Obter um $a_t < 0$ é visto como difícil por Simonsen (1973) principalmente quando o processo inflacionário já introduziu distorções na economia que tornam necessária a introdução de uma “inflação corretiva”, ou seja, a elevação de alguns preços administrados que se encontravam defasados devido ao uso de controles de preços durante o período de inflação crônica ou pela existência de inflação reprimida. Além disso, quanto mais longo o processo inflacionário, mais próxima de um é a componente de realimentação, tornando o processo de estabilização longo. Em outras palavras, quanto mais longo o processo inflacionário, menos eficaz tende a ser o gradualismo.

Deve-se perceber, no entanto, que, ao afirmar que a taxa de inflação tem uma componente de realimentação, Simonsen (1970) fez o argumento de que o gradualismo não é necessariamente menos eficaz que o tratamento de choque no combate à inflação (como acreditavam algumas agências internacionais) — a diferença entre as duas abordagens é o tempo de ajuste. Isso porque uma queda na inflação por menor que seja, tende a ser perpetuar por essa componente, mesmo quando b é próximo da unidade.

É verdade que essa conclusão do modelo não leva em consideração uma possível diferença de credibilidade entre as estratégias — uma redução brusca e intensa na inflação tem um efeito diferente sobre expectativas inflacionárias que uma redução lenta e pequena. As expectativas inflacionárias no modelo são função da taxa de inflação do período anterior, de modo que mesmo um governante com uma estratégia não crível de combate à inflação pode ser bem-sucedido, desde que seja beneficiado, por exemplo, por um choque autônomo negativo no período t . Tal choque reduz a taxa de inflação do período t , reduzindo a componente de realimentação do período $t + 1$.

Segundo Simonsen (1985), o gradualismo ótimo combinaria uma política de rendas que buscasse estabilizar a taxa de inflação com políticas monetária e fiscal que buscassem o pleno emprego.

Em relação às causas da inflação e às maneiras adequadas de combate, a inovação do modelo está na introdução explícita da componente de realimentação e na combinação de causas de oferta e de demanda em seu modelo.

No debate sobre o tema da época, existia uma grande dicotomia entre causas relacionadas à demanda e pressões de custos como principais determinantes da inflação. Simonsen (1970) introduz ambas as componentes em seu modelo, reconhecendo que nem sempre uma causa é desconectada da outra. Além disso, seu

modelo enfatiza a percepção de que não se deve combater uma inflação de custos com controles de demanda — no seu modelo, a inflação de custos é causada pela componente autônoma a_t e reduzir a componente de regulação de demanda g_t por meio de contração fiscal ou monetária, por exemplo, não cessaria o foco da inflação.

Ainda em relação ao combate à inflação, Simonsen (1970) defende o uso de políticas de rendas, como congelamentos de preços, salários e taxa de câmbio. O argumento de Simonsen em favor do uso de políticas de rendas se modificou ao longo do tempo, tornando-se consideravelmente mais sofisticado na década de 1980. No entanto, na década de 1970, esse argumento ainda era uma consequência do modelo de realimentação.

Simonsen (1970) defendia o uso de políticas de rendas como forma de tornar o combate à inflação menos nocivo à economia, diminuindo o sacrifício em termos de queda de produto. Isso aconteceria, pois esse tipo de política poderia diminuir o coeficiente de realimentação, de modo que a taxa-limite para a qual a taxa de inflação converge diminui, possibilitando até uma redução da inflação sem crise de estabilização.

COMENTÁRIOS FINAIS

O objetivo dessa discussão foi mostrar que apesar de não ter proposto o conceito de inflação inercial, Simonsen foi um dos maiores responsáveis pela difusão e desenvolvimento do conceito na década de 1980. Muitas das ideias mais tarde que vieram a moldar tanto as discussões teóricas quanto os planos práticos foram influenciados pelos modelos de Simonsen. Isso é mais claro no caso de seus ex-alunos¹¹, mas, de qualquer forma, o mais relevante da discussão, ou seja, a propagação da inércia, as possibilidades de neutralização e seus problemas já haviam sido discutidos antes de se enfrentar o “dragão” de verdade.

Esse mecanismo de inércia aparece implícito em seus escritos na década de 1960 e explícito na década de 1970, apesar de nesse momento Simonsen não se preocupar, desenvolver um modelo completo que mostre o surgimento da inércia também — essa é tida como exógena. No entanto, a parte mais relevante da discussão da década de 1980, que é o combate à inflação com um forte componente inercial e seus possíveis custos para coletividade, já é tratada nesses estudos, de modo que os trabalhos da década de 1980 devem ser vistos como uma evolução, um refinamento mais complexo do que já havia sido antecipado na década anterior quando o problema nem sequer havia se apresentado.

¹¹ Pêrsio Arida, em relato a Leitão (2011), afirmou que quando foi apresentar a proposta da moeda indexada, em 1984, nos Estados Unidos, Simonsen foi chamado a comentar o trabalho. Quando a palavra lhe foi passada, Simonsen afirmou que não faria comentários e, sim, explicaria de novo o que havia sido exposto. Segundo o relato, “Ele expôs a ideia muito melhor do que eu, que a tinha concebido. Ficou melhor, disparado. Se a proposta fosse dele, não teria sido melhor, porque o jeito de concatenar as hipóteses, para evitar pular direto para a conclusão, o jeito de conduzir a audiência, tudo era extraordinário” (Leitão, 2011, p. 38).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, F.H. (1983), *A Inflação Brasileira no Pós-Guerra: Monetarismo versus Estruturalismo*, Rio de Janeiro: IPEA/INPES.
- BARBOSA, F.H. (1997), “A contribuição acadêmica de Mário Henrique Simonsen”, *Revista de Economia*, 17(1), 115-130.
- BARBOSA, F.H. (2004), “Inflação: inércia e déficit público”, *Ensaios Econômicos*, FGV, no. 533.
- BOIANOVSKY, M. (2012), “Furtado and the Structuralist-monetarist debate on economic stabilization in Latin America”, *history of political economy*, 44(2).
- BRESSER-PEREIRA, L.C. (2010), “A descoberta da inflação inercial”, *Revista de Economia Contemporânea*, 14(1), 167-192.
- KALDOR, N. (1957), “Inflação e desenvolvimento econômico”, *Revista Brasileira de Economia*, 11(1), 55-82.
- LEITÃO, M. (2011), *Saga Brasileira: A Longa Luta de um Povo por sua Moeda*, Rio de Janeiro: Record.
- LOPES, F.L. (1979), “Teoria e política da inflação brasileira: Uma revisão crítica da literatura”, In: SAYAD, J. (org.), *Resenhas de Economia Brasileira*, ANPEC.
- RAMALHO, V. (2003), “Simonsen: Pioneiro da visão inercial da inflação”, *Revista Brasileira de Economia*, 57(1), 223-228.
- SERRANO, F. (2010), “O conflito distributivo e a teoria da inflação inercial”, *Revista de Economia Contemporânea*, 14(2), 395-421.
- SIMONSEN, M.H. (1964), *A Experiência Inflacionária no Brasil* Rio de Janeiro: IPES.
- SIMONSEN, M.H. (1970), *Inflação: Gradualismo X Tratamento de Choque*, Rio de Janeiro: APEC.
- SIMONSEN, M.H. (1973), “Política anti-inflacionária — a contribuição brasileira”, *Ensaios Econômicos* da EPGE, no. 6, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SIMONSEN, M.H. (1976), “A política antiinflacionária”, In: CAMPOS, R. O. e SIMONSEN, M.H., *A Nova Economia Brasileira*, Rio de Janeiro: Editora José Olympo, 2ª edição.
- SIMONSEN, M.H. (1979), “Eugênio Gudín e a teoria da inflação”, In: CARNEIRO, P. E. B. (org.), *Eugênio Gudín Visto por seus Contemporâneos*, Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SIMONSEN, M.H. (1983), *Dinâmica Macroeconômica*, São Paulo: McGraw-Hill.
- SIMONSEN, M.H. (1985), “Contratos salariais justapostos e política anti-inflacionária”, *Revista de Economia*, 5(2), 5-32.
- SIMONSEN, M.H. (1986), “Rational Expectations, Income Policies and Game Theory”, Anais do XIV Encontro Nacional de Economia, ANPEC.
- SIMONSEN, M.H. (1988), “Rational expectations, game theory and inflationary inertia”, In: ANDERSON, P.W., ARROW, K.J. e PINES, D. (orgs.), *The Economy as an Evolving Complex System*, Vol. 5, Santa Fe: Santa Fe Institute.
- SUNKEL, O. (1958), “La inflación Chilena: Un enfoque heterodoxo”, *El Trimestre Económico*, Vol. 25, No. 100(4) pp. 570-599.
- VERA, L. (2008), “A Note on the Pazos-Simonsen Mechanism and the Early Kaldorian Contribution”, Mimeografado.